

AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: UMA PROPOSTA AVALIATIVA PARA AS AÇÕES DO PDVL.

Autor (1): Elias Vinícius Ferreira do Amaral; Co-autor (1): Gabriela Rejane Silva de Medeiros;
Orientadora: Prof^ª. Dra. Kilma da Silva Lima Viana.

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – campus Vitória de Santo Antão.
eliasvinicius21@hotmail.com; medeirosgabriela32@yahoo.com.br; kilma.viana@vitoria.ifpe.edu.br)

Resumo: O Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL realiza ações nas áreas de Experimentação, Jogos Didáticos, Avaliação da Aprendizagem, Tecnologias Educacionais, Gestão e Cooperação. Este trabalho teve como objetivo analisar os limites e as possibilidades da Avaliação da Experiência no chão da escola, considerando as concepções de avaliação de professores e estudantes. Este projeto de pesquisa tem abordagem qualitativa, sendo um estudo de caso, pois investiga as ações de um programa de extensão desenvolvido pelo campus Vitória de Santo Antão. A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Pública Estadual campo de ação do PDVL, no município de João Alfredo – PE. Os sujeitos foram um (01) professor e trinta e sete (37) estudantes de uma turma do 3º ano do Ensino Médio. Os resultados apontaram que as concepções dos professores e estudantes dialogam com a perspectiva da AE e a pesquisa permitiu observarmos que existem limites para a vivência de uma perspectiva de avaliação mais qualitativa e isso se deve a formação do professor e às condições estruturais. Mas foi possível observar também que existem muitas possibilidades de se fazer diferente, ressignificando a avaliação e renovando o ensino, sendo assim, voltamos à discussão da necessidade de uma ressignificação de antigos paradigmas no âmbito educacional, para que, a cada dia, as práticas avaliativas possam contribuir significativamente para a formação moral, ética, autônoma e intelectual do indivíduo. Diante de tudo o que foi exposto podemos considerar que a Avaliação da Experiência respeita a individualidade de cada um, busca o compartilhamento de responsabilidades e saberes, é ética, e tem como objetivo fazer do processo avaliativo uma prática mais justa e acolhedora.

Palavras-chave: avaliação da aprendizagem, carreira docente, possibilidades da avaliação.

Introdução

Esse trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que tem o objetivo de “analisar as principais estratégias de ensino, avaliação e cooperação desenvolvidas pelo PDVL, nas áreas de Física e Química que contribuem para o despertar do interesse de estudantes do Ensino Médio para a carreira docente nessas áreas, considerando as suas relações com as concepções dos professores e estudantes e as especificidades dessas áreas”.

O Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL foi criado por dois professores do Instituto Federal de Pernambuco no final de 2013 e suas ações iniciaram a partir de fevereiro de 2014. Suas atividades consideram a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão, realizando ações nas áreas de Experimentação, Jogos Didáticos, Avaliação da Aprendizagem, Tecnologias Educacionais, Gestão e Cooperação. Diante de tantos resultados, analisar esse Programa é de suma importância, especialmente porque é um Programa desenvolvido

por, principalmente, Institutos Federais, que têm em sua lei de criação a obrigação de oferecer até 20% de suas vagas para os cursos de Licenciatura, mesmo diante de uma realidade não favorável para a escolha por essa profissão.

Fazendo um recorte em nossa pesquisa, e focando na área de Avaliação, observa-se que o PDVL vem desenvolvendo, desde 2014, ações na área de avaliação, com o objetivo de contribuir para a mudança das práticas avaliativas de caracteres tradicionais, tendo como base, o aporte teórico da Avaliação da Experiência. Inquieta-nos saber quais são os limites e possibilidades dessa proposta de avaliação, considerando que as concepções dos professores e estudantes? Afinal, a avaliação é considerada pelos especialistas como um dos maiores desafios para a melhoria da educação, devido a força da avaliação tradicional na escola, que acaba por frear a vivência de práticas inovadoras no processo de ensino-aprendizagem (LIMA, 2008).

No contexto educacional atual, uma das áreas mais regularizadas é a avaliação. E essas orientações/regulações estão de acordo com as novas perspectivas da avaliação. Entretanto, no chão da escola, pesquisas indicam que as práticas avaliativas dos professores não dialogam com essas perspectivas (VIANA, 2014), pois mesmo quando os professores apresentam uma concepção que dialoga com as novas perspectivas, ainda apresentam práticas relacionadas com abordagem tradicional (MIZUKAMI, 1986), em que a ênfase está no viés autoritário, excludente e punitivo.

Barros Filho (2002) justifica essa realidade devido o fato de que se por um lado os professores não têm uma discussão aprofundada acerca da avaliação, por outro, eles são, muitas vezes, obrigados a vivenciar projetos educacionais que são impostos pelo sistema, sem levar em consideração às suas concepções ou sem haver a promoção de cursos de formação continuadas nesta área. Um dos fatores que afastam os estudantes para seguirem a carreira docente é a forma de avaliação (SANTOS; ARRUDA; VIANA, 2014), pois o momento de avaliação é considerado uma tortura, sinônimo de medo e rejeição.

Neste recorte o trabalho teve como objetivo “Analisar os limites e as possibilidades da Avaliação da Experiência no chão da escola, considerando as concepções de avaliação de professores e estudantes”. O campo de pesquisa foi uma escola da Rede Pública Estadual campo de ação do PDVL. Os sujeitos foram o professor e estudantes de uma turma do 3º Anos do Ensino Médio e a coleta de dados foi a partir de entrevista semi-estruturada com o professor e questionários com os estudantes. Ressalta-se que toda análise foi realizada à luz de Viana (2014). Sendo assim, apresentamos uma discussão mais aprofundada acerca da Avaliação da Aprendizagem.

Fundamentação Teórica

Segundo AMARAL *et al* (2016) a atratividade pela carreira docente está relacionada a diversos fatores, como as condições estruturais, não reconhecimento social, baixa remuneração, mas também se relaciona diretamente às questões avaliativas, pesquisa essa realizada nos âmbitos do PDVL pode mostrar que tanto estudantes como professores consideram as questões avaliativas como um indicador para a não atratividade pela carreira e a frustração dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, vendo está pesquisa o PDVL já proporciona suas atividades extensionistas nas novas perspectiva de avaliação, sendo a sua base o aporte teórico de VIANA (2014) onde defende a Avaliação da Experiência Kellyana, utilizando do CEK (Ciclo da Experiência Kellyana) já visto que práticas estão movimentando está perspectiva esperada por professores e estudantes é importante analisar as concepções dos envolvidos no processo podendo mapear os limites e as virtudes relacionadas na prática do processo.

Sendo assim, a análise do aporte teórico inicialmente foi de suma importância pois na estruturação e análise da entrevista e do questionários foi utilizado para estabelecer pontos que poderão servir de segmentos para o olhar crítico dos envolvidos no processo, com isso, o estudo feito sobre o aporte teórico nos mostrou que as novas perspectivas propostas por VIANA (2014), onde ressalta que mesmo aqueles professores que apresentam uma visão mais ampla sobre educação, que faz uso de metodologias mais inovadoras, participativas e interativas e que concebe avaliação como um processo contínuo e ligado ao ensino, suas práticas avaliativas continuam “com fortes aspectos excludentes, com viés autoritário, com o intuito de classificar e comparar o rendimento dos estudantes” (VIANA, 2014, p.16).

Baseada no Alternativismo Construtivo (KELLY, 1955), que afirma que cada ser “antecipa eventos” e concebe o mundo em geral a partir das experiências vividas anteriormente. Ao fundamentar-se nas teorias de KELLY (1955), que considera a aprendizagem como uma experiência que acontece em cinco etapas, VIANA (2014) defende uma nova perspectiva de Avaliação, denominada Avaliação da Experiência, estruturada em três pressupostos e oito princípios que relacionam novas concepções acerca de ensino, aprendizagem e avaliação. O primeiro pressuposto é **A Avaliação como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem**. Como já mencionado, essa perspectiva avaliativa rompe paradigmas inerentes aos modelos mais tradicionais, onde avaliação é tida como algo que destoa do processo de ensino e tem por objetivos medir e classificar o estudante sempre ao final das etapas. Para VIANA a avaliação

“dá informações de como vem sendo desenvolvido tanto o ensino, quanto a aprendizagem”(VIANA, 2014, p.176) sendo um processo de construção.

O segundo pressuposto da Avaliação da Experiência é o **caráter mutável das concepções**. Ao considerar que “as concepções são mutáveis, passíveis de revisões” (p. 176), VIANA (2014) defende que a revisão é extremamente importante porque é através dela que o processo avaliativo deixa de ser “um momento de sofrimento, ou simples prestação de contas” (p. 176), e passa a ter um caráter construtivo que promove a aprendizagem de maneira mais significativa. O terceiro pressuposto é **Avaliação como instrumento de transformação**, que transcende uma perspectiva estática da avaliação. A transformação citada poderá ocorrer com base nas cinco etapas do ciclo de construção da Avaliação da Experiência que está fundamentado no Ciclo da Experiência Kellyana (KELLY, 1955) que são: Antecipação, Investimento, Encontro, Confirmação ou Desconfirmação e Revisão Construtiva.

Na primeira etapa (Antecipação), o professor pode fazer uso de uma avaliação diagnóstica tanto para conhecer os conhecimentos prévios dos estudantes, tanto para antecipar quais assuntos deverão ser abordados na prática e quais estratégias pedagógicas poderão ser utilizadas com base nos construtos de seus estudantes. Na segunda etapa (Investimento), o professor “investe” no conteúdo através de debates, discussões e estudos no intuito de se prepararem para a etapa seguinte. Esta, por sua vez, é a etapa do Encontro, onde os conteúdos abordados são construídos de forma coletiva e os estudantes ao final terão a possibilidade de Confirmar ou Desconfirmar as hipóteses levantadas inicialmente enquanto participavam das etapas de Antecipação e Investimento. A etapa da Confirmação ou Desconfirmação é estruturada em instrumentos avaliativos os quais estudantes e professores possam avaliar todo o processo de construção do ensino-aprendizagem. E, finalmente, a quinta etapa do ciclo, é a Revisão Construtiva, onde os estudantes poderão refletir sobre mudanças de concepções ocorridas durante todo o processo. Dessa forma, na perspectiva da Avaliação da Experiência, os estudantes têm a oportunidade de desconstruírem, construírem e/ou reconstruírem o conhecimento de forma única e a partir de suas vivências através da prática avaliativa, pois em todas as etapas o estudante está envolvido na avaliação.

Os princípios que norteiam a Avaliação da Experiência apresentam-se em oito: O primeiro, Princípio da Negociação, resulta em um diálogo entre o professor e o estudante de forma a decidirem juntos, qual o caminho a ser seguido no processo avaliativo. Para Viana (2014):

“Essa negociação deve estar presente desde as decisões sobre quais os instrumentos deverão e poderão ser utilizados para avaliar um determinado aspecto do processo educativo, até os momentos em que devem ser utilizados, às formas de utilização e os seus encaminhamentos.” (VIANA, 2014, p. 178)

Consideramos esse um dos principais aspectos desse novo modelo avaliativo, tendo em vista que é a partir dele que o estudante se torna responsável também pelo seu próprio processo de ensino-aprendizagem através da avaliação. Ela ressalta ainda que a negociação deve ser mediada pelo professor, mas ele tem o dever de “assegurar a disponibilidade para a escuta dos argumentos dos estudantes” (VIANA, 2014, p. 179). O segundo é o Princípio do Acolhimento, pois Viana (2014) defende que para que haja uma negociação plena e livre de “conflitos” é extremamente importante que um acolha a opinião do outro, tornando assim o processo justo e saudável. Para ela, esse é o princípio que garante que as pessoas “de posições diferentes, divergentes, possam buscar o ponto de convergência, o consenso” (VIANA, 2014, p. 179), afinal, numa sala de aula existem seres com diferentes concepções, cotidianos e pré-conceitos acerca dos conteúdos, e cabe ao professor, fazer essa mediação de forma afetiva e acolhedora. Ressalta, ainda, que “essa perspectiva de avaliação tem, nesse princípio, o resgate da essência da avaliação, que é cuidar do processo de ensino e aprendizagem, sentar ao lado e acolher o outro” (VIANA, 2014, p. 180).

O terceiro, Princípio da Confiança, relaciona-se com os demais, pois para Viana deve-se ir muito além do “ritual de barganha” que acontece no âmbito educativo onde “o professor ensina e o estudante aprende, depois professor avalia e o estudante devolve para o professor o que ele ensinou” (VIANA, 2014, p. 180). Nessa nova proposta a afetividade reassume sua posição em lugar da antipatia e esse princípio “resgata o caráter humano da avaliação e tem como base as relações afetivas” (p. 180), superando, assim, o caráter ameaçador e tenso que o processo avaliativo exerce.

O quarto princípio é o Princípio da Proatividade. Para que os outros – negociação, acolhimento e confiança – ocorram, é necessária uma postura proativa de ambas as partes, pois sem ela esses acordos se prejudicam. Quando todos se dispõem a vivenciar o novo, partindo dessa proatividade, as práticas avaliativas deixam de ser estáticas e as tomadas de decisão tornam-se mais dinâmicas. “Os acordos realizados no início do processo, não precisam ser considerados intocáveis. Podem ser refeitos, rediscutidos, revisitados sempre que necessário” (VIANA, 2014, p.180).

Já o Princípio Crítico-Reflexivo visa transformar o papel de padronização, memorização e reprodução de conteúdo, que as práticas avaliativas assumem desde os primórdios. Viana (2014), defendendo que avaliação e ensino fazem parte de um mesmo processo, ressalta que o estudante é

um ser ativo no processo de construção do conhecimento. Nessa perspectiva, a ideia de provas tradicionais deve ser superada por avaliações que busquem a formação crítica do estudante. Nessa reflexão, Viana (2014) traz o Princípio da Emancipação, assumindo que a Avaliação da Experiência é “antes de tudo, político-social, pois busca formar indivíduos, além de críticos, reflexivos, também emancipados, autônomos. Por esse motivo, não dialoga com vertentes que entendem o processo educativo de subordinação, passividade e dependência” (p.182). Dessa forma, o professor deve prezar por estratégias avaliativas que instiguem o estudante a gerir o seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, Viana (2014) também defende o Princípio do Compartilhamento, que supera a proposta de interação, pressupondo uma perspectiva de colaboração, onde todos compartilham as responsabilidades e os sentimentos. Segundo Viana (2014, p.182) “em momentos de negociação, de troca, de compartilhamentos, é comum que ocorram crises, cansaços, desgastes e insatisfações” e é por esse motivo que a Avaliação da Experiência está fundamentada em princípios que resgatam esse caráter humano da avaliação.

O Princípio Ético, que “é pano de fundo de todas as relações estabelecidas na Avaliação da Experiência e é essencial nos momentos de negociação, decisões, reencaminhamentos e compartilhamentos de responsabilidades” (p. 183), define uma avaliação justa alicerçada em relações de confiança. De acordo com Viana (2014): Ser ético, no processo avaliativo, é decidir baseado em critérios claros e acordados. É utilizar os resultados da avaliação para auxiliar na formação e no crescimento dos estudantes. É considerar as diferenças, os ritmos e as formas de aprender de cada um e é, antes de tudo, considerar que todos têm direito de aprender (VIANA, 2014,p. 183). Diante de tudo o que foi exposto podemos considerar que a Avaliação da Experiência respeita a individualidade de cada um, busca o compartilhamento de responsabilidades e saberes, é ética, e tem como objetivo fazer do processo avaliativo uma prática mais justa e acolhedora.

Metodologia

Este projeto de pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e se apresenta enquanto um estudo de caso, pois investiga as ações de um programa de extensão desenvolvido pelo campus Vitória de Santo Antão, pois o programa tem tido uma grande repercussão grande na Rede Federal.

Campo da Pesquisa: Esse plano de trabalho, foi feito um recorte com relação ao campo de pesquisa, considerando o período de Agosto de 2016 à Julho de 2017 para sua execução. Com isso,

o campo de pesquisa foi uma escola da Rede Pública Estadual campo de ação do PDVL, localizada no município de João Alfredo – PE.

Sujeitos da Pesquisa: Os sujeitos foram um (01) professor e trinta e sete (37) estudantes de uma turma do 3º ano do Ensino Médio da escola acima citada, com participação e consentimento voluntário.

Instrumentos da Pesquisa: Diante do exposto, os instrumentos utilizados foram: entrevista semi-estruturada com o professor e aplicação de questionários com os estudantes.

Procedimentos da Pesquisa: Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico e estudo sobre o aporte teórico Viana (2014), pois o mesmo é base da análise deste trabalho e estruturação da entrevista e do questionário. A entrevista semi-estruturada foi realizada com o professor que ministrava a disciplina de Química da escola supracitada, para investigar acerca de suas concepções avaliativas. Em seguida, foram aplicados questionários com os estudantes da turma citada acima. Por fim, foram categorizados os dados de acordo com o aporte teórico da Avaliação da Experiência, elencando os limites e possibilidades dessa perspectiva de avaliação no chão da escola, tendo como base, as concepções dos professores e estudantes.

Resultados e Discussão

Relacionando a entrevista com os questionários, perguntamos ao professor como ele definiria o que é avaliação, obtivemos como resposta que em suas concepções avaliação esta compreendida em “Acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem, para nortear o trabalho a ser desenvolvido”. Quando relacionamos uma pergunta semelhante nos questionários dos estudantes indagamos que a partir do processo avaliativo de Química vivenciado em sala de aula, pedimos para que estes descrevessem a partir de sua vivencia, o que seria avaliação, e encontramos uma resposta muito diferente da resposta do professor, pois os estudantes apontaram como principais características os termos de verificação, classificação e seleção. Ou seja, 100% dos estudantes envolvidos neste estudo de caso apontaram que avaliação, de acordo com a vivencia deles com esse professor, é apenas um questionário que ver o quanto o estudante sabe. Um dos estudantes respondeu que “Avaliação é um processo de questões com o objetivo de analisar o quanto o aluno sabe do assunto”. Analisando essa resposta, verificamos que o aluno aponta algo a mais na avaliação, quando usa o termo “processo”, mas não um processo em busca da aprendizagem e sim um processo em busca da classificação.



Viana (2014, p.16) afirma que mesmo aqueles professores que apresentam uma visão mais ampla sobre educação, que faz uso de metodologias mais inovadoras, participativas e interativas e que concebe avaliação como um processo contínuo e ligado ao ensino, suas práticas avaliativas continuam “com fortes aspectos excludentes, com viés autoritário, com o intuito de classificar e comparar o rendimento dos estudantes”. A partir disto, retomamos à resposta do professor, quando apresenta em seu discurso uma perspectiva avaliativa inovadora, no entanto, na prática, seus estudantes não reconhecem tal perspectiva, muito pelo contrário.

Fazendo relação com a perspectiva da Avaliação da Experiência, observamos que o primeiro pressuposto que é **A Avaliação como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem**. Como já mencionado, essa perspectiva avaliativa rompe paradigmas inerentes aos modelos mais tradicionais, onde avaliação é tida como algo que destoa do processo de ensino e tem por objetivos **medir e classificar** o estudante sempre ao final das etapas. Para VIANA a avaliação “dá informações de como vem sendo desenvolvido tanto o ensino, quanto a aprendizagem”(VIANA, 2014, p.176) sendo um processo de construção. Nas respostas dos estudantes, observa-se que a prática avaliativa do professor não dialoga com a perspectiva da Avaliação da Experiência.

Seguindo a discussão, foi questionado aos estudantes por meio do questionário, se nas aulas de Química o professor abre algum espaço para que os estudantes e o professor negociem o processo avaliativo juntos, resposta essa expressa no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Se o professor abre espaços para negociarem junto com os estudantes o processo avaliativo.



Fonte: Própria.

Vemos que aproximadamente 97% dos estudantes concordam que o professor abre espaço para que juntos possam discutir as questões avaliativas, dialogando, assim, com o **Princípio da Negociação** que é um dos oito princípios da Avaliação da Experiência. Esse princípio pressupõe o diálogo de ambas as partes, que resulta em um caminho a ser seguido. Essa resposta dialoga com a

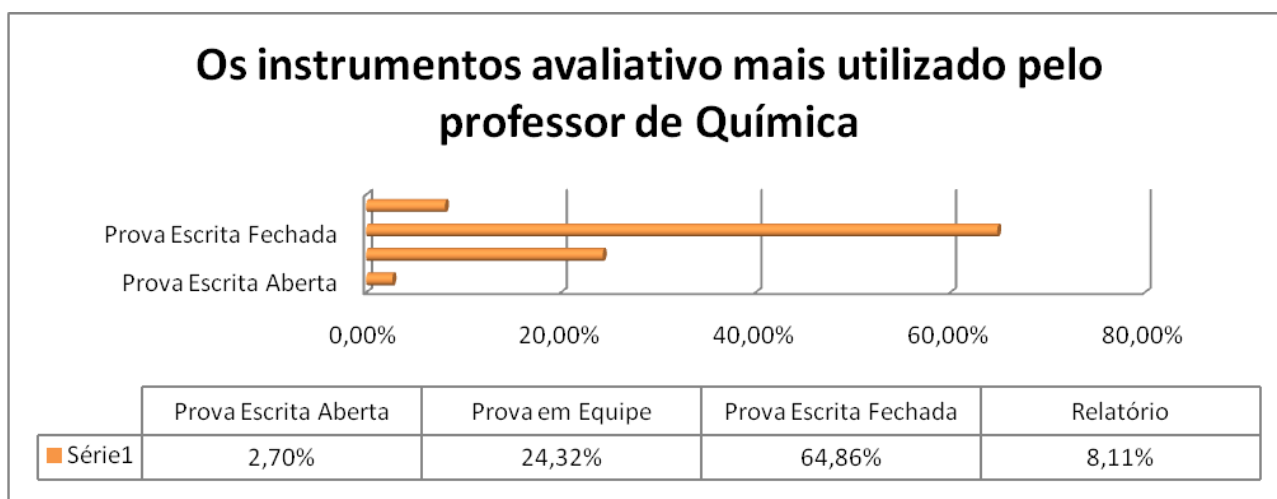


primeira resposta do professor, quando afirmou que considera que o processo norteia o caminho a ser percorrido.

Para Viana (2014), isso só é possível quando, efetivamente, o **Princípio da Negociação** é colocado em prática e com os objetivos corretos. Nesta pergunta, o professor afirma a abertura para discussão do processo avaliativo, onde apresenta propostas e os estudantes avaliam, opinam e acordam. Os estudantes também em seus questionários não contrariam as respostas do professor e afirmam que o professor expõe seus objetivos e sugestões e os estudantes discutem e conseguem negociar e construir o processo avaliativo, isso é presente em um princípio chamado pela autora como **Princípio do Acolhimento**, em que o professor oportuniza as diferentes concepções e divergências, mas trabalha conjuntamente para buscar uma convergência, um consenso.

Ao observar uma das perguntas feita ao professor, o mesmo descreve o processo avaliativo em sua sala de aula como algo “Contínuo desde as aulas até a avaliação bimestral denominada de somativa, isso é observado, construído e coletado diariamente” em mais uma pergunta sobre qual o papel dos instrumentos avaliativos o mesmo responde que eles “Possibilitam a verificação da aprendizagem com frequência e de forma diversificada para que em alguma delas o educando possa expressar seus conhecimentos”, é bastante notável que o professor preza pela diversidade de instrumentos dando a possibilidade do estudante ter diversas formas de ser avaliado e construir seus conhecimentos mesmo vendo que o professor desde o início da entrevista utiliza como objetivo primordial para a avaliação a verificação da aprendizagem, isso reflete expressivamente nos estudantes em suas respostas. Com essa observação realizada na entrevista do professor, se reportamos aos questionários dos estudantes onde tinha uma indagação que questionava da seguinte forma, qual o instrumento avaliativo mais utilizado pelo professor de Química, observamos o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Os instrumentos mais utilizados pelo professor de Química.



Fonte: Própria.





Pode-se observar que mais de 60% dos estudantes apontam a “prova escrita fechada” como o instrumento mais utilizado pelo professor. É válido lembrar que no questionário os estudantes só poderiam marcar o instrumento mais utilizado, em suas justificativas os mesmos alertaram que outros instrumentos eram utilizados a medida que os estudantes não conseguiam chegar aos objetivos mais que o processo avaliativo girava em torno das provas escritas fechadas.

Parece incoerente esses achados, pois, em primeiro momento, observamos um professor que apresenta um discurso inovador acerca da avaliação, mas que os estudantes não reconhecem na prática. Em outro momento, os estudantes afirmam que, apesar de considerarem o professor com essa prática avaliativa tradicional, quase em sua maioria afirma que o professor negocia o processo avaliativo. Mas, ao observarmos as últimas respostas, os dados indicam que ele utiliza uma diversidade de instrumentos, mas que o principal instrumento utilizado é a prova escrita fechada. Por outro lado, se isso é verdade, como entender a afirmação dos estudantes sobre a negociação? Será que a prova foi escolhida pela maioria dos estudantes? Ou será que essa negociação é “dirigida” e a decisão final é do professor?

Partindo dessa discussão, o **Princípio da Proatividade** é uma colocação em prática, segundo a entrevista do professor pelo menos uma vez a cada bimestre é discutido o processo avaliativo revisto, e revisado caso necessário há mudanças discutidas e pautadas em sala, com essas colocações podemos observar a tabela que descreve essa realidade, segundo os estudantes abaixo:

Tabela 1: Indicadores da construção do processo avaliativo em uma escola da Rede Estadual de Pernambuco Voluntaria do PDVL.

Processo Avaliativo em Química, Concepções Estudantil Vivenciados em Sala de Aula			
Questionamentos	Indicadores (%)		
	Há mudanças	Não há mudanças	
Há mudanças no acordo avaliativo caso haja necessidade?	95%	05%	
Quem toma as decisões?	Professor e alunos	Professor	Alunos
	97%	03%	0%
Os critérios avaliativos, este são claros e acordados juntos?	Sim, sempre	Sim, às vezes	Nunca
	75%	25%	0%

Fonte: Própria.





É notável que o princípio da Proatividade é um exercício garantido por ambas as partes em sala de aula, então, mais uma vez perguntamos: até que ponto esse professor, de fato, negocia e acolhe as decisões dos estudantes? Como está sendo construído esse processo avaliativo? Porque as respostas indicam tantas contradições?

Ressalta-se que a avaliação ainda é um campo pouco discutido nas escolas. Historicamente, o professor sempre realizou uma avaliação com caráter punitivo ou de mera classificação. Mudar essa cultura é necessário. Incluir a cada dia os estudantes nesse processo também. Destacamos o fato do professor apresentar concepções inovadoras e introduzir, em sua prática, também atividades inovadoras, com processo de negociação e tomada de decisão compartilhada, que dialogam com a perspectiva da Avaliação da Experiência e mesmo que em alguns momentos sejam encontradas incoerências, o caminho se faz ao andar e já é possível, mesmo com esses resultados, vislumbrar passos sendo dados no caminho de uma nova perspectiva de avaliação que vai além de classificação e medida, mas que resgata a essência da avaliação, que é de auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem.

Ao pesquisarmos o professor e os estudantes, encontramos limites na vivência também da Avaliação da Experiência, como o tempo pedagógico, a quantidade de estudantes, a maturidade dos estudantes e a formação do professor. Mas entendemos que muitas são as possibilidades de se refazer esse caminho. Observamos também que a vivência da Avaliação da Experiência não é tão difícil, desde que ações sejam desenvolvidas nas escolas nessa direção e que cada um se envolva nesse processo de reconstrução.

Diante desses achados, consideramos importante que a pesquisa seja continuada e que o PDVL possa continuar mapeando as concepções e práticas de professores e estudantes e atuando junto à escola, pois é necessário fazer ações dessa natureza, especialmente no que se refere à avaliação, quando encontramos tantas lacunas na formação do professor, sendo proveitoso a inserção dos estudantes cada vez mais nesta realidade.

Conclusões

A pesquisa permitiu observarmos que existem limites para a vivência de uma perspectiva de avaliação mais qualitativa e isso se deve a formação do professor e às condições estruturais. Mas foi possível observar também que existem muitas possibilidades de se fazer diferente. É importante considerarmos que a abertura a propostas mais inovadoras de Avaliação é essencial para a renovação do ensino. Destacamos que um processo avaliativo traz grandes contribuições à

construção do processo de ensino – aprendizagem e que o mesmo pode ser revisitado através de uma auto-avaliação que tanto alunos quanto professores precisam desenvolver. Novos caminhos para uma Avaliação mais inovadora precisam ser vivenciados desde a formação inicial do professor, na intenção de formar professores capazes de transcender às práticas tradicionais de avaliação de caráter excludente, classificatório e reprodutivista. Sendo assim, voltamos à discussão da necessidade de uma ressignificação de antigos paradigmas no âmbito educacional, para que, a cada dia, as práticas avaliativas possam contribuir significativamente para a formação moral, ética, autônoma e intelectual do indivíduo.

Referências

AMARAL, E.V.F.; MEDEIROS, G.R.S.; AMARAL, R.M.F.; VIANA, K.S.L.; Despertar para a carreira docente em Química e suas relações entre as práticas de ensino e avaliação. In: III Congresso Internacional das Licenciaturas – III COINTER-PDVL, Vitória de Santo Antão, Brasil. Anais do III Congresso Internacional das Licenciaturas – III COINTER-PDVL, 2016.

AMARAL, E.V.F.; SANTANA, M.V.S.F.; VIANA, K.S.L.; Avaliação do Ensino de Química: Fatores da atratividade da carreira docente. In: II Congresso Internacional das Licenciaturas – II COINTER-PDVL, Recife, Brasil. Anais do II Congresso Internacional das Licenciaturas – II COINTER-PDVL, 2015.

BARROS FILHO, J. Avaliação da aprendizagem e formação de professores de física para o ensino de nível médio. 191p. 2002. Tese (Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

KELLY, G. A. A theory of personality: the psychology of personal constructs. New York: W.W. Norton, 1963.

LIMA, K. S. Compreendendo as concepções de avaliação de professores de física através da teoria dos construtos pessoais. 163f. 2008. Dissertação (Ensino das Ciências). Departamento de Educação, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2008.

MIZUKAMI, MGN, Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS, M. T. S.; ARRUDA, C. A.; VIANA, K. S. L. Concepções de estudantes do ensino médio acerca da carreira docente. IN: I Congresso Internacional do PDVL. Anais do I COINTER – PDVL. Vitória de Santo Antão, 2014.

VIANA, K. S. L. Avaliação da Experiência: uma perspectiva de avaliação para o ensino das Ciências da Natureza. 202f. 2014. Tese (Ensino das Ciências e Matemática). Departamento de Educação, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.